

MATÁMOS O PADRE PARA ROUBAR

N. 15/11/84

— diz um dos cabecilhas do grupo assassino
capturado pelas FPLM

António Mulapa, um dos cabecilhas do grupo de bandidos armados que assassinou o padre italiano, Olivo Torboli, na província da Zambézia a sete de Agosto deste ano, revelou que o móbil do crime foi roubar os mantimentos e medicamentos que o padre normalmente transportava.

Mulapa foi capturado pelas Forças Armadas de Moçambique em fins de Setembro na zona de Munhamade, distrito de Lugela, depois do seu grupo ter assaltado e saqueado uma aldeia de camponeses da região.

«Nós sabíamos que o padre trazia consigo, às vezes, mantimentos, roupa e medicamentos para oferecê-los aos crentes católicos. Como estávamos em crise decidimos atacá-lo para podermos sobreviver por alguns dias», disse Mulapa à AIM, falando em Chua-bo.

O grupo mandou um dos seus informadores ir ter com o sacerdote para tentar saber quando iria a Lugela ou a Mocuba, levar mantimentos, conseguindo a informação de que ele se deslocaria a Mocuba a cinco de Agosto.

Os bandidos decidiram preparar a emboscada numa curva da estrada a poucos metros de uma ponte que

se encontra a cerca de cem quilómetros da cidade de Mocuba em condições que Mulapa considerou «favoráveis para atacarmos o carro com sucesso».

«Esperámos dois dias inteiros sem ele aparecer», prosseguiu Mulapa «mas na manhã do terceiro dia o nosso informador avistou ao longe a viatura e veio a correr avisar-nos. Preparámo-nos para o ataque e quando o padre nos surgiu à saída da curva, lançámos uma bazucada que atingiu a viatura e a imobilizou junto à ponte. Chegamo-nos ao carro e encontrámos feridos o padre, mais quatro doentes a quem ele tinha dado boleia. Como não encontrámos nada de interesse no interior da viatura e para evitar denúncias, decidimos matar ali mesmo todos os seus ocupantes».

António Mulapa entrou para as fileiras dos bandidos armados em Outubro de 1982 porque «me prometeram ser rico, ter gira-discos, bicicleta e motorizada».

Os saques e assassinatos sucederam-se em cadeia mas ao contrário das previsões **as coisas foram-se complicando. Os soldados da Frelimo começaram a perseguir-nos com muita**

frequência e fomos vendo os nossos companheiros a serem destruídos.

Pouco depois do Acordo de Nkomati, quando já se andava em pequenos grupos para melhor sobreviverem os nossos chefes começaram a sair um por um, dizendo que iam passar férias à África do Sul e que nós devíamos continuar em pequenos grupos. **A nossa missão até eles regressarem seria roubar para sobrevivermos, ao mesmo tempo que nos diziam para que não nos entregássemos porque seríamos mortos.**

Mas, segundo Mulapa, os chefes nunca mais regressaram «se é que regressarão algum dia» e arranjar comida começou a ser cada vez mais difícil «porque os soldados vasculhavam tudo à nossa procura».

«A determinada altura decidimos fazer uma operação suicida porque não comíamos há já quinze dias e atacámos um pequeno povoado que pensávamos estar isolado e sem qualquer defesa. Roubámos os bens e a comida da população mas uma hora depois apercebemo-nos que os soldados vinham atrás de nós. Alcançaram-nos ao fim de um dia e meio e, durante o cerco mataram quinze dos nossos e capturaram-me».